

12º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2021

O IMPACTO DAS *FAKE NEWS* E DOS GRUPOS ANTIVACINA FRENTE À PANDEMIA DO COVID-19

ALEJANDRA R. GONZALES¹, GEORGIA M. ESPINDOLA², SUZY S. S. KUROKAWA³

¹ Estudante do Curso Técnico de Informática para Internet integrado ao Ensino Médio, IFSP, Câmpus Avançado São Miguel Paulista, alejandrarodasg@gmail.com

² Estudante de Bacharelado em Têxtil e Moda, USP - Zona Leste, georgia.mello@usp.br

³ Professora de Química, IFSP, Câmpus Avançado São Miguel Paulista, suzy.sayuri@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 4.06.00.00-9 Saúde Coletiva

RESUMO: A pesquisa busca entender quais são os impactos causados no combate ao novo coronavírus (COVID-19), devido às grandes disseminações de *fake news* na internet. Uma das consequências é a recusa vacinal, mesmo com o fornecimento de vacinas para doenças imunopreveníveis. Em função disso, iniciou-se a pesquisa a partir do estudo e compreensão da COVID-19 e motivações das *fake news*. Visou-se a coleta de dados de um grupo do *Facebook* no período correspondido entre setembro de 2020 a junho de 2021 para analisar os principais temas relatados, bem como a frequência destes em cada mês. Esse estudo é importante porque, em 2015, a cobertura vacinal da tríplice viral no Brasil atingiu 96,07% do público-alvo, mas apresentou declínio a partir de 2016. Em 2019, o número representava apenas 57,19%. O declínio pode ter relação com o ápice do compartilhamento das *fake news* no ano de 2016, durante a eleição presidencial de Donald Trump. No grupo do *Facebook* estudado, observou-se que os temas mais recorrentes foram teorias da conspiração e mitos sobre a vacina, que podem contribuir com a recusa vacinal no país, reduzindo o número de vacinados contra a COVID-19 e, consequentemente, na duração da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: *fake news*; coronavírus; pandemia; saúde; tecnologia.

THE IMPACT OF FAKE NEWS AND ANTI-VACCINE GROUPS AGAINST THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT: The research seeks to understand the impacts caused in combating the new coronavirus (COVID-19), due to the large spread of fake news on the internet. One of the consequences is the refusal to vaccinate, even with the provision of vaccines for vaccine-preventable diseases. As a result, the research started from the study and understanding of COVID-19 and the motivations of fake news. The aim was to collect data from a Facebook group in the period from September 2020 to June 2021 to analyze the main themes reported, as well as their frequency in each month. This study is important because, in 2015, the MMR vaccine coverage in Brazil reached 96.07% of the target audience, but showed a decline from 2016 onwards. In 2019, the number represented only 57.19%. The decline may be related to the peak of fake news sharing in 2016, during Donald Trump's presidential election. In the Facebook group studied, it was observed that the most recurrent themes were conspiracy theories and myths about the vaccine, which can contribute to the refusal to vaccinate in the country, resulting in a lower number of vaccinated against COVID-19 and, consequently, in the duration of the pandemic.

KEYWORDS: *fake news*; coronaviruses; pandemic; health; technology.

INTRODUÇÃO

O avanço da tecnologia ampliou as possibilidades de uso da internet e contribuiu para criar espaços de produção e compartilhamento das informações. Em contrapartida, as *fake news* são disseminadas em grande velocidade por meio de áudios, vídeos e imagens que circulam, principalmente, por meio das redes sociais. E, infelizmente, ganhou espaço por alcançar uma grande quantidade de usuários devido ao compartilhamento irresponsável, ou seja, a veracidade da informação e a fonte que a emitiu não eram verificadas pelo indivíduo, trazendo impactos no bem-estar das pessoas (SOUSA JÚNIOR et al., 2020).

Com as primeiras aparições de pneumonia em Wuhan, na China, teve-se a descoberta do novo coronavírus, capaz de causar doenças respiratórias, neurológicas e outros. Segundo o jornal *Veja Saúde*, o novo coronavírus ou COVID-19 possui uma probabilidade de contágio muito maior quando comparado a outros tipos de coronavírus e com um índice de mortalidade em torno de 3% e 4%, que atua no organismo de um modo nunca visto antes (SANTOS, 2021). Por isso, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 13 de março de 2020, decretou pandemia. Diante de uma situação delicada, as *fake news* alimentaram os grupos antivacina que prejudicaram o combate ao novo coronavírus, uma vez que o papel da ciência é questionado, sendo um dos principais responsáveis pela queda no número de imunizados no país e reaparecimento de algumas doenças como a poliomielite (SARAIVA & FARIA, 2019).

Para realizar o estudo foi necessário entender os impactos e motivações das *fake news* no contexto dos grupos antivacina frente a pandemia do coronavírus. Para isso, houve a coleta de notícias falsas em um grupo do *Facebook* intitulado “Contra a vacinação obrigatória”, para recolher dados sobre a influência das *fake news* nos grupos antivacina. Em seguida, foi verificado se existe uma relação entre a disseminação dessas notícias com o aumento de casos e doenças reintroduzidas.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa teve início com a realização de uma leitura bibliográfica para compreender a situação dos temas com base nas palavras-chave: “cobertura vacinal”, “*fake news*”, “movimento antivacina”, “imunização” e “casos de doenças imunopreveníveis”, cujos estudos foram publicados entre 2000 e 2021, disponibilizados no SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*), e na base de dados do Google Acadêmico. Desse modo, estima-se que foram avaliados acima de 35 materiais para a realização desta pesquisa.

Em seguida, foi feita uma busca por grupos antivacina no *Facebook*, para analisar e tabular o número de postagens, engajamento e visualizações no ano de 2020, seguindo o critério de maiores participantes ativos e quantidade de seguidores.

Sendo assim, foi escolhido o grupo intitulado “Contra a vacinação obrigatória” (<https://www.facebook.com/groups/1542331419271651/?ref=share>), que possui uma comunidade de 2150 membros reunida em um ano (2020 e 2021). Investigou-se as publicações no período de setembro de 2020 a junho de 2021, buscando entender a dinâmica, frequência e assuntos das *fake news* compartilhados pelos usuários. Para isso, foi coletada cada publicação e enquadrada em um dos dez temas separados no Quadro 1.

Pretende-se analisar se as *fake news* contribuíram com a queda da cobertura vacinal contra as doenças imunopreveníveis por meio de uma coleta de dados fornecidos pelo DATASUS. Também foram coletados casos de COVID-19 para observar uma possível relação com as notícias falsas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o aumento exponencial dos casos da COVID-19, no dia 3 de fevereiro de 2020, o governo brasileiro decretou Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional e, três dias depois, foi sancionada a Lei da Quarentena e, assim, medidas mais restritivas foram adotadas (SAÚDE, 2020).

De acordo com o G1, o primeiro caso do novo coronavírus no Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, e um mês depois, os casos contabilizavam 2998 infectados e 77 mortos no Brasil. Diante dessa situação, canais de comunicação e órgãos do governo propuseram compartilhar

informações sobre meios de prevenção, já que não existia um método de tratamento eficaz ou vacina. Porém, uma parte da população tem utilizado o contexto atual para impor medo, por meio das *fake news* nas mídias sociais (SOUSA JÚNIOR et al., 2020).

Desde 2016, o termo *fake news* popularizou-se na campanha de eleição de Donald Trump e tornou-se conhecido nas redes sociais por afetar diversos campos da sociedade, como a política e a saúde. Além disso, a campanha obteve o auxílio da empresa *Cambridge Analytica*, uma empresa privada de análise de dados, que foi contratada como uma consultoria política, ou seja, elaborava estratégias nas campanhas eleitorais (GUIMARÃES, 2018).

Segundo o jornal *The Guardian*, a *Cambridge Analytica* analisou dados de 50 milhões de usuários do *Facebook* que foram influenciados na escolha dos candidatos. Porém, o número de atingidos aumentou em 37 milhões, após um levantamento feito pela própria rede social. A partir da coleta de informações dos usuários, o algoritmo do *Facebook* cria um boneco-modelo contendo os interesses, gostos e preferências de cada um que utiliza a rede social. Assim, é possível priorizar o que trará engajamento levando em conta a popularidade, tipo e atualidade do post, isto é, filtra-se suas conexões para que os dados tenham relação com os outros dados (COELHO, 2017). Desse modo, as *fake news* podem alcançar mais usuários quando os critérios se encaixam aos respectivos perfis e também no consumo de publicações semelhantes ao nicho que o interessa, sendo positivo ou não.

Consequentemente, deve-se monitorar as notícias falsas e divulgar nos meios de comunicação tradicionais a veracidade de todas as informações, respondidas por especialistas, uma vez que essas informações falsas colocam a saúde pública em risco e tem como suas principais motivações, o lucro, a influência política/econômica, difamação e outros. Isso porque, de acordo com Brisola e Bezerra (2018), as *fake news* ganharam espaço devido a quantidade e velocidade que elas chegam ao receptor, o qual não consegue checar a veracidade da informação.

Para obter uma análise mais compreensível acerca deste tema, coletou-se informações das publicações da página do *Facebook* intitulada “Contra a vacinação obrigatória”, que foram divididas em dez temas (Quadro 1). Em seguida, contabilizou-se as publicações relacionadas a cada tema, por mês estudado (Tabela 1). De acordo com as publicações, foi possível inferir que parte da população brasileira recusa vacina por diversos motivos.

QUADRO 1. Temas das publicações – Grupo: Contra a vacinação obrigatória

Código	Assunto
1	Sugestão de grupo (<i>fake news</i>)
2	Teorias da conspiração
3	Mitos sobre a vacina (desconhece o processo da fabricação da vacina)
4	Alienação
5	Recusa à vacinação
6	Ligações com políticas (obrigação em ser vacinado)
7	Medo e consequências das vacinas
8	Culpa a China
9	Surtos de casos após vacina
10	Outros

Essa hesitação vacinal pode ter bases religiosas, filosóficas, desconfiança com a indústria da vacina e envolvimento com situações socioeconômicas, socioculturais e políticas (MACHADO, FERREIRA, et al., 2020). Com o atual cenário das mídias sociais, essas crenças e opiniões são compartilhadas rapidamente, assim, o usuário leigo irá acreditar por não saber como checar a informação que recebe. Além disso, têm sido criados grupos em redes sociais com base em interesses pessoais, a exemplo do movimento antivacina, que vem influenciando os integrantes, convencendo-os a não serem vacinados (SANCHES, 2018).

Além disso, por conta dessas inverdades rapidamente espalhadas, as pessoas tendem a recuar e desconfiar das vacinas. Em um cenário recente, segundo o Ministério da Saúde, em 2016, as campanhas de imunização tiveram uma grande queda na prevenção de vírus em crianças, entre eles a BCG, Rotavírus Humano, Poliomielite e outros (GUIMARÃES, 2017). Assim, surge o medo e o caos em quem recebe a informação falsa, que pode trazer vários problemas na luta contra diversas patologias pelos órgãos de saúde (SOUSA JÚNIOR et al., 2020). A vacina da tríplice viral é um exemplo sobre o aumento de casos justamente pelos grupos antivacina e as *fake news* (SARAIVA & FARIA, 2019).

TABELA 1. Número de publicações relacionados aos temas (Quadro 1) entre os meses de setembro/2020 e junho/2021 no grupo do Facebook “Contra a vacinação obrigatória”

MÊS	Assunto*									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
SET/2020	1	2	3	1	1	3	-	-	-	1
OUT/2020	-	4	-	-	1	3	2	1	-	-
NOV/2020	-	1	8	1	2	3	3	1	-	-
DEZ/2020	-	2	5	-	6	2	4	-	-	-
JAN/2021	-	4	3	1	3	1	2	-	1	-
FEV/2021	-	3	3	-	2	3	1	-	-	-
MAR/2021	-	2	1	1	3	2	4	-	-	-
ABR/2021	-	3	1	-	2	1	-	-	-	-
MAI/2021	-	6	4	1	5	6	3	-	6	-
JUN/2021	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
TOTAL	1	27	28	5	26	24	19	2	7	1

* assunto referente a coluna “código” do Quadro 1.

De acordo com os dados coletados na Tabela 1, é possível notar uma maior disseminação de informações falsas dos temas 2, 3, 5 e 6, respectivamente, que tratam-se de teorias da conspiração, mitos sobre a vacina, recusa à vacinação e ligações políticas. Desse modo, o receptor recebe mensagens duvidosas a respeito da vacina, como a relação da vacina ser fabricada por satanistas, o COVID-19 arquitetado pelos chineses para lucrar com a venda das vacinas, a cloroquina ser uma alternativa de tratamento, e, principalmente, por ser um vírus de pouco conhecimento, não se teria a capacidade de desenvolver a vacina e então, isso seria uma chance dos políticos implantarem microchips para terem o controle de tudo.

A alfabetização midiática seria uma opção fundamental na formação de pessoas como seres críticos, pois é exigido pela sociedade informacional a fim de garantir a participação ativa da comunidade marcada em meio às transformações comunicacionais e fluxo de conteúdos (GUSMÃO, 2016). Diante disso, a ausência da alfabetização científica e midiática compromete o combate das *fake news* e na construção de um indivíduo capaz de buscar a informação sobre um determinado assunto com origens confiáveis.

O direito à informação é garantido pela Constituição Federal, porém não basta ter a informação se antes é necessário preparar, educar e conscientizar a sociedade para ser capaz de distinguir a notícia entre verdadeira da falsa, assegurando a liberdade de expressão (MERELES, 2017).

CONCLUSÕES

Com o avanço da tecnologia é possível receber diversas informações através da internet e, por isso, as *fake news* são compartilhadas em uma grande velocidade nas redes sociais. Assim, as notícias falsas podem levar algum risco à população, porque elas não seguem as considerações da saúde pública e recomendam medicações sem consulta de um especialista e receitas caseiras que não tem eficácia comprovada, por exemplo. Além disso, é notável uma relação dos aumentos de casos de doenças imunopreveníveis com a alta disseminação das *fake news* sobre o tema. Segundo o Ministério

da Saúde, em 2016, as campanhas de imunização apresentaram uma queda na prevenção de vírus em crianças, mesmo ano em que o termo “fake news” se popularizou durante a candidatura do presidente Donald Trump e foi comprovada a disseminação de informações falsas com o auxílio da *Cambridge Analytica*, que analisou dados de usuários do *Facebook*. Isto posto, reflete-se a necessidade de alfabetização midiática como ferramenta de formação do indivíduo para ajudar no combate à pandemia do novo coronavírus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a bolsa concedida pela EACH-USP, ao IFSP-SMP e a orientadora.

REFERÊNCIAS

BRISOLA, Anna & BEZERRA, Arthur. **Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação**, 2018. BRAPCI. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/102819>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

Casos de coronavírus no Brasil em 26 de março, 2020. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/26/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-26-de-marco.ghtml>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

DOMINGUES, Filipe. **Brasil tem mais baixa cobertura da vacina tríplice viral desde 2015, diz Ministério da Saúde**, 2019. G1 Ciência e Saúde. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/10/15/brasil-tem-mais-baixa-cobertura-da-vacina-triplice-viral-desde-2015-diz-ministerio-da-saude.ghtml>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

GUIMARÃES, Keila. **Vacinação em queda no Brasil preocupa autoridades por risco de surtos e epidemias de doenças fatais**, 2017. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41045273>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

GUSMÃO, Fábio. **Da alfabetização tradicional para a alfabetização midiática e informacional**, 2016. Revista Liberato. Disponível em: <http://revista.liberato.com.br/ojs_lib/index.php/revista/article/view/534/313>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SOUSA JÚNIOR, João H.; RAASCH, Michele; SOARES, João C.; RIBEIRO, Leticia V. A. H. S. **Da desinformação ao caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do coronavírus no Brasil**, 2020. Periódicos UFBA. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/view/35978/20912>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

MACHADO, Luís; FERREIRA, Nathália; DAMASCENO, Camilla, et al. **Recusa vacinal e o impacto no ressurgimento de doenças erradicadas**, 2020. Master Editora. Disponível em: <https://www.mastereditora.com.br/periodico/20200907_164040.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2021.

MERELES, Carla. **Direito à informação: um direito de todos os cidadãos**, 2017. Politize. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/direito-a-informacao/#:~:text=O%20direito%20%C3%A0%20informa%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20considerado%20um%20direito%20fundamental%20numa,%C3%A9%20um%20direito%20desde%201988>>. Acesso em: 02 mar. 2021.

Notícias falsas sobre eleição nos EUA têm mais alcance que notícias reais, 2016. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/11/noticias-falsas-sobre-eleicoes-nos-eua-superam-noticias-reais.html>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Resposta Nacional e Internacional de Enfrentamento ao novo Coronavírus, 2020. Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/#interna>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

SANTOS, Maria. **As diferenças e semelhanças entre outros coronavírus e o Sars-CoV-2**, 2021. Veja Saúde. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/as-diferencas-e-semelhancas-entre-o-sars-cov-2-e-outros-coronavirus/#:~:text=At%C3%A9%20que%20em%202002%20encontraram,o%20nome%20de%20Sars%20CoV.>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

SARAIVA, Luiza & FARIA, Joana de. **A ciência e a mídia: a propagação de Fake News e sua relação com o movimento anti-vacina no Brasil**, 2019. Portal Intercom. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1653-1.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2020.